

Um tom pouco econômico

Pelo perfil do público — 250 empresários argentinos e brasileiros — e o tema do encontro — a integração regional do Cone Sul —, o debate num café da manhã no hotel Sheraton, em Buenos Aires, com Fernando Henrique Cardoso tinha tudo para girar em torno de economia. O encontro foi promovido pelo Grupo Brasil, que reúne empresas nacionais instaladas na Argentina. Mas Cardoso, que falou pouco mais de meia hora de improviso, deu a seu discurso um tom eminentemente político.

Ele prometeu que vai mudar o Brasil e enumerou os desafios que o aguardam para continuar seu programa de reformas. Entre eles, mudanças na Constituição. Lembrando que, na sua opinião, o Brasil perdeu uma oportunidade histórica ao deixar de fazer a revisão no ano passado, e que a Constituição não dá mais brechas para que isso aconteça novamente, Cardoso sugeriu, sem ser específico, a reforma da Carta a partir de mudanças regimentais no Congresso.

Democracia — “Temos que fazer as reformas através de modificações regimentais e ter propostas para galvanizar uma posição majoritária no Congresso”, disse. Ele mencionou outro desafio, que é o de desenvolver a democracia brasileira ampliando-a além da liberdade individual e política e estendendo-a às instituições do país.

“Precisamos criar uma situação em que os mecanismos de tomada de decisão não atropelem mais a sociedade”, insistiu Cardoso. “Assim como no passado fomos capazes de criar um Estado forte e com-

plexo, temos agora que criar um Estado que não seja apenas instrumento da burocracia.” Ele mencionou outro desafio, que é a manutenção das taxas de crescimento do Brasil, segundo ele fundamental para que o país possa começar a pagar sua dívida social.

Honra — O presidente eleito colocou a saúde e a educação como pontos de honra de seu futuro governo. “Elas são fundamentais para dar continuidade ao desenvolvimento econômico e criar bases para o desenvolvimento científico e tecnológico”, afirmou. E propôs que governo e empresas façam uma parceria: “Sob pena de condenarmos muitos de nossos patricios a ficarem de fora dos benefícios que estão sendo gerados, o que para mim é injusto e inaceitável”.

Ele alertou para que ninguém espere que a dívida social do país esteja paga ao fim de seu governo. “A redistribuição de renda enfrenta resistências. Acho quatro anos um tempo mínimo para uma mudança histórica e espero que ao fim deles tenhamos sinais claros de modificação”, afirmou. “E não se trata apenas de renda monetária. As questões sociais precisam ser atacadas.”

Cardoso também disse ser muito importante manter a União, estados e municípios dentro de um estrito equilíbrio orçamentário e garantiu que seu governo, como o de Itamar Franco, continuará sendo implacável com a inflação. “Ela não acaba de uma hora para outra. Ela é um processo ao qual continuaremos atentos”, garantiu. “A equipe econômica lançou as bases

para o combate à inflação e em 95 ela terá meu total apoio.”

Para conseguir superar esses desafios, Cardoso propõe que o Estado e o empresariado assumam o espírito da aventura e do risco calculado, que una a intuição à razão. E fechou essa parte de seu discurso fazendo uma pequena adaptação do slogan criado pelos surrealistas franceses e pintado nos muros de Paris durante as revoltas estudantis de 68: *A imaginação no poder*. “Quando não há imaginação, não merecemos ser chamados de homens de Estado. O homem público tem que criar condições para a transformação”, afirmou.

Política — Mesmo quando falou do Mercosul e da economia da região, Cardoso preferiu envolver suas declarações mais em política do que em números. No caso do Mercosul, por exemplo, reiterou que ele é de extremo interesse para o Brasil e que, na sua opinião, seus integrantes devem se encaminhar para uma união aduaneira. “Sem qualquer vontade de exclusão de outros parceiros”, lembrou, apontando o Chile e a Bolívia como exemplos.

Ele reiterou que não existe nenhuma incompatibilidade entre o fortalecimento do Mercosul e a ampliação de acordos comerciais. “Ao contrário, se o Mercosul for forte, estaremos mais fortes para negociar com outros parceiros”, afirmou.

Ao ser perguntado sobre a política de câmbio, respondeu sorrindo: “Não me pergunte sobre isso. Sou apenas um pobre sociólogo que virou presidente da República.” (M.F.B.)